

Em busca da integração proativa de público da terceira idade em um museu de ciências

Searching for proactive integration of elderly public at a science museum

Adriana Vitorino Rossi

UNICAMP - Instituto de Química
adriana@iqm.unicamp.br

Thayse Zambom Barbosa Aragão

UNICAMP – Instituto
leandrotrindadep@yahoo.com.br

Leandro Trindade Pinto

UNICAMP – Instituto
leandrotrindadep@yahoo.com.br

Resumo

Interessados em investigar a integração de público de terceira idade em atividades de divulgação científica e a acessibilidade conceitual dessas atividades para esse público, organizamos a recepção de 62 pessoas, em dois grupos, num museu de ciências. Levantamos expectativas e impressões de visitantes e nove mediadores. Os visitantes foram entrevistados e responderam questões objetivas apresentadas em quadros com cartões coloridos para as respostas, como opção para dinamizar e motivar a disponibilização de informações. Os visitantes apontaram interesse e satisfação com a atividade, notando-se abertura para tratar de questões conceituais, destacando-se atitudes colaborativas e criativas, além de algumas posturas interessantes com relação à ciência e tecnologia. Os mediadores, formados para atendimento de público escolar, em questionários apontaram preocupação com eventuais dificuldades de linguagem e integridade física dos visitantes; após a visita, destacaram interesse do visitante, proatividade, gentileza e carinho dos visitantes como aspectos positivos para o atendimento e o aproveitamento da atividade.

Palavras chave: terceira idade, público de terceira idade, museu de ciências, mediação científica

Abstract

Interested in investigating the integration of elderly public in activities of scientific communication and the conceptual accessibility of these activities for this audience, we organize the visit of 62 people to a science museum. We search for expectations and impressions of visitors and nine mediators. To the visitors were interview and applied objective questions presented in tables with colored cards for the answers as an option to speed and motivate the information delivery. The visitors showed interest and satisfaction with the activity and we considered them open to address conceptual issues, emphasizing

collaborative attitudes, beyond some interesting positions about science and technology. The mediators, trained to attend student audience, were inquired and expressed concerns about eventual language barriers and the physical integrity of visitors and, after the visit, they were positively impressed by visitor's interest, pro-activity, kindness and affection, what improved the attendance.

Key words: elderly, elderly audience, science museum, scientific mediation

Terceira Idade e Museus de Ciência

A chamada população idosa, terceira idade ou melhor idade, vem tornando-se a cada dia mais expressiva no mundo e no Brasil. O envelhecimento demográfico é mais destacado nos países em desenvolvimento, sendo que no Brasil, de acordo com dados do IBGE, em 1970, 4,95 % da população era idosa, em 1990 eram 8,47 % e a perspectiva para 2010 era atingir 9,20 % (SIQUEIRA, 2002). De acordo com Cançado (1996), o aumento do número de idosos vem acompanhado por um acréscimo significativo nos anos de vida da população brasileira: na década de 1950 a esperança de vida era cerca de 33,7 anos e deve atingir 77,1 anos até 2020. Esse processo de envelhecimento demográfico repercute nas esferas da estrutura social, econômica, política e cultural da sociedade, pois os idosos, assim crianças, jovens e adultos, têm demandas específicas para adequadas condições de vida. Isto torna a velhice tema privilegiado para investigação em diversas áreas.

No Brasil, a oferta de atividades para a terceira idade ainda pode ser considerada recente e tem maior ênfase em programação de entretenimento e de atividades físicas. No que se refere a museus de ciências, vale lembrar que ainda há poucos espaços em operação e concentrados em grandes centros urbanos com forte ênfase para o atendimento de público escolar. Podemos citar alguns poucos exemplos de iniciativas de divulgação científica para a terceira idade, como atividades da Estação Ciência (São Paulo) e Museu da Vida (Rio de Janeiro), além da inserção de idosos como voluntários para mediação em alguns museus como The British Museum, mas a literatura científica desta temática ainda é escassa. Desse modo, é válido propor atividades e investigações sobre experiências para inserir, de forma harmoniosa, a terceira idade em espaços de educação não formal, pensando aqui especialmente nos museus de ciência. Nunes e colaboradores (2010) colocam claramente a situação, necessidades e vantagens advindas dessa interação entre educação e terceira idade:

“Por meio da educação, o ser humano tem possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar seu potencial cognitivo, sendo possível existir progresso em todas as idades e todas as classe sociais. A educação é um processo vivido pelo ser humano ao longo de toda a vida e se dá não apenas pela educação formal, mas também em quaisquer atividades de convivência social. Dentro dessa perspectiva e diante da visibilidade que ganharam os idosos, decorrente de uma maior longevidade nos últimos anos, encontra-se a sociedade desafiada a lançar um novo olhar para essa faixa etária, buscando por providências práticas, tanto para valorizar essa capacidade de adquirir novos conhecimentos, como também para dar mérito ao conhecimento e valores adquiridos ao longo de suas vidas.” (NUNES et al., 2010, p.31)

Neste cenário, surge a expectativa de museus e centros de ciências brasileiros voltarem atenção e atividades também para esse público, buscando atingir além daqueles que conheceram esses espaços na juventude e/ou idade adulta, aqueles que ainda não tiveram tais oportunidades e que, na terceira idade, dispõem de tempo, dinheiro, disposição e interesse

para realizar atividades que mais do que lúdicas, são educativas. Considerando, como sugere Hsieh (2010) que, na terceira idade, há interesse em aprender entusiasmo, mas, de modo geral atividades de aprendizagem mais elaboradas não fazem sucesso com esse público que prefere ações informais e não formais, a potencialidade de museus e centros de ciências desponta e reforça a relevância de iniciativas em espaços de educação não formal para a terceira idade.

Contexto de ação

Essas reflexões, associadas à nossa experiência profissional em gestão de setor educativo e mediação em museu de ciências inspiraram a organização da recepção de grupos da terceira idade neste museu de ciências. Algumas práticas dessa atuação profissional orientaram a proposta de investigação do perfil desse público, expectativas e impressões relacionadas com as atividades desse museu, bem como as expectativas e impressões dos mediadores, já que foram formados e atuavam exclusivamente com o atendimento de público escolar de visitas agendadas (ROSSI *et al.*, 2010). Apesar de algumas características típicas, o público de terceira idade é heterogêneo e é interessante verificar como isso aparece em uma visita a museu de ciências, pois dados do trabalho do grupo de Bonatto (2003) no Museu da Vida destacaram indicativos a serem considerados para atender público de terceira idade:

“Nossas observações parecem indicar que junto a estes grupos [Terceira idade] pode ser fundamental a inserção de elementos sensoriais, que venham a gerar sentimentos agradáveis associados à observação de fenômenos científicos. Estes seriam facilitadores do aprendizado, processo que parece estar estreitamente ligado às limitações físicas vivenciadas por pessoas de faixas etárias avançadas.” (BONATTO, *et al.*, 2003, p.54)

Isso reforça o potencial atrativo de museus e centros de ciências para receber visitantes da terceira idade, já que seus programas de modo geral têm forte apelo interativo e sensorial. Considerações sobre aspectos facilitadores do envolvimento desse público, indicaram a pertinência de adequar ferramentas para coleta de dados junto a esse público.

Neste texto, apresentamos dados da visita de público da terceira idade ao Museu Exploratório de Ciências – UNICAMP, com reflexões sobre a compatibilidade da visita ao perfil desse público, destacando aspectos positivos e negativos. Consideramos também a ação dos mediadores (figura chave nesse espaço de educação não formal) e o envolvimento do visitante a partir de suas respectivas percepções. A estrutura física do Museu é acessível e o setor educativo franqueou acesso aos mediadores para coleta de dados para esta investigação.

Sobre a visita ao Museu

A princípio, buscamos articular grupos da terceira idade para participar da “Oficina Desafio” e o “Globo”, que são atividades do Museu (maiores detalhes estão disponíveis em <http://www.museudeciencias.com.br/programas/index>), escolhidas por termo-las considerado mais adequadas ao perfil do público em questão. Optamos por uma estratégia de atendimento de dois grupos, um no período da manhã e outro à tarde, com organização colaborativa com a equipe de mediadores do Museu, graduandos de todos os cursos da UNICAMP que receberam formação específica no setor educativo do Museu para atendimento de público estudantil. Considerando a carência reconhecida de ações de divulgação científica em proporção significativa para atender a população brasileira e o crescimento do público da terceira idade, que desponta com nova inserção no Brasil, buscamos motivar atitudes positivas e proativas em visitantes desta faixa etária a partir da divulgação científica e investigar os desdobramentos e as perspectivas produtivas da inserção dessa proposta.

Mediante a aplicação de diferentes instrumentos de coleta de dados, foram obtidas informações sobre relações da divulgação científica e o público de terceira idade no Brasil. Primeiramente no que diz respeito aos mediadores, foi aplicado um questionário pré-visita e outro pós-visita, ambos com algumas questões objetivas e outras abertas com o objetivo levantar as expectativas e, posteriormente, as impressões resultantes da interação, assim como eventuais necessidades específicas e diferenças significativas para o atendimento desse tipo de público, inclusive em comparação com público escolar.

Dos visitantes

No que diz respeito aos visitantes, foram aplicados quatro instrumentos: um questionário de identificação e um questionário diferenciado e duas série de questões qualitativas aplicadas antes e após a visita. O questionário de identificação e o diferenciado foram aplicados na forma de entrevista. Os dados obtidos enriqueceram a análise com características particulares de cada grupo, que podem ou não se refletir nos demais questionários.

Todos os visitantes foram convidados, por isso sua participação foi espontânea. Dos 28 visitantes da manhã, apenas quatro eram homens. À tarde foram recebidas 34 mulheres. Isso pode sugerir maior facilidade de acesso a atividades de terceira idade para mulheres, que têm maior expectativa de vida maior. Muitas visitantes comentaram espontaneamente ser comum tornarem-se mais ativas após enviuvarem, apesar desse dado não ter sido recolhido de forma sistemática nesta investigação. Outro dado relevante é que a maior parte do público era aposentado, sendo que apenas poucos ainda realizavam trabalho remunerado.

O instrumento mais peculiar envolveu as questões respondidas diretamente pelos visitantes antes e após a visita. Pensando na dinâmica da atividade e nas características do público (que poderia e pode) incluir dificuldades de leitura e interpretação de texto, foi estabelecido um formato muito simples e efetivo de questionário e forma de obtenção de respostas, com ênfase no apelo visual, desenvolvido de forma coletiva em atividades da disciplina de pós-graduação EC770 (Educação não-formal no Ensino de Ciências e Matemática, do Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática - PECIM - da UNICAMP, com a participação de estudantes que também acompanharam a visita dos grupos de terceira idade ao Museu. Optamos por uma forma diferente de abordagem de questionário dicotômico, de caráter bipolar do tipo sim/não/não sei, com o uso de uma terceira opção para expressão de desconhecimento ou falta de opinião sobre o assunto (MATTAR, 1994), apresentando o texto curto, com poucas palavras, impresso em letras grandes e afixado em pranchetas, abaixo das quais se encontravam cartões adesivos coloridos representando as respostas: verde para sim, amarelo para não sei e rosa para não. Cada prancheta com questão ficavam dispostas no espaço de convívio onde os visitantes foram recebidos e lancharam. Conforme já referido, devido à natureza das questões optamos pelo uso da opção “não sei”, porque entendemos que isso contemplaria uma situação especial em que o visitante demonstrasse desconhecimento ou dúvida. Receávamos que essa opção fosse atraente por outros motivos, como a falta de vontade de responder as questões, mas notamos que isso não aconteceu porque foi possível tornar a etapa de respostas uma atividade lúdica e motivadora, como indicaram as manifestações espontâneas de interesse dos visitantes para apresentarem suas respostas, inclusive tentando orientar colegas eventualmente pouco à vontade com a solicitação.

Por fim, aplicou-se em amostra aleatória, o questionário qualitativo sobre a forma de entrevista a 12 pessoas. As questões abertas trariam esclarecimentos sobre eventuais pontos ainda não contemplados. Neste questionário qualitativo, focalizamos também aspectos relacionados com as concepções dos visitantes sobre ciências, além das impressões da visita.

Na Figura 1 apresentamos dados do perfil dos visitantes, destacando-se escolaridade e idade. A escolaridade predominante foi ensino fundamental 1, sendo que várias pessoas indicaram ter cursado apenas as séries iniciais. Não se notou relação significativa entre idade e nível de escolaridade.

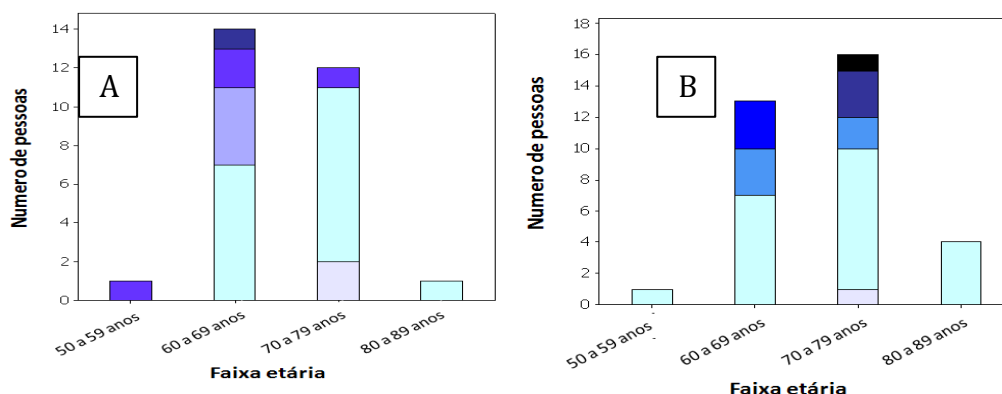


Figura 1: Dados de idade e escolaridade dos visitantes. A) grupo matutino. B) grupo vespertino.
 Correspondência de cores: ♦ pós-graduação, ♦ ensino superior, ♦ ensino médio, ♦ ensino fundamental 2, ♦ ensino fundamental 1, ♦ analfabeto

O questionário de identificação também gerou outros dados referentes às atividades regulares dos visitantes, ilustrados na Figura 2 onde se pode notar uma distinção que sugerimos ser associada com características peculiares de grupo, com tendência dos visitantes matutinos serem mais ativos. Desse grupo, 24 pessoas participavam de um grupo de dança da terceira idade e quatro praticavam atividades físicas na Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Os visitantes da tarde participavam de uma pastoral de terceira idade. Viagens e aulas de dança foram muito citadas como atividades frequentes dos visitantes.

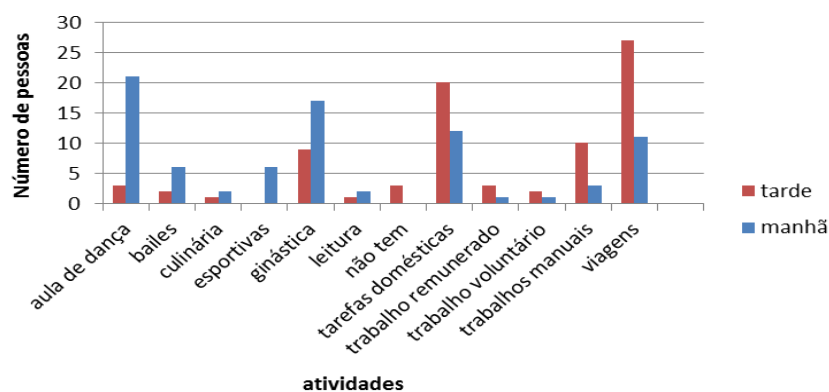


Figura 2: Atividades na terceira idade por grupo – manhã e tarde

Tendo caracterizado de forma sucinta o perfil dos visitantes público, comentamos alguns dados obtidos a partir do questionário diferenciado. Conforme indicado na Figura 3, onde as questões pré-visita são indicadas nas três primeiras colunas, menos da metade dos visitantes do grupo matutino já havia visitado um museu e mesmo assim a grande maioria nunca havia visitado um museu de ciências. As respostas da terceira questão sugerem que os visitantes não possuíam uma concepção clara de ciência ou não haviam refletido sobre o fato de gostar ou não dela, apesar da maioria ter respondido gostar da ciência. Já nas questões pós-visita indicaram que os grupos aprovaram a visita, pois de forma unânime manifestaram-se ter gostado do atendimento, sendo que apenas um visitante respondeu não saber se indicaria a visita para um amigo. O número de respostas a cada questão variou provavelmente devido ao formato do questionário e sua não obrigatoriedade explícita, porém dado ao ineditismo do

perfil do público, optamos por considerar todas as respostas apresentadas como forma de valorização das informações obtidas. Destacamos que mesmo para questões relacionadas aprendizado e divertimento as respostas foram positivas, sugerindo envolvimento dos visitantes. A simplicidade do questionário não permite explorar com mais profundidade esses dados, mas reforça a ideia de Hsieh (2010), sobre a maior tendência de envolvimento de pessoas da terceira idade em atividades informais e não formais com objetivos educativos. Isto sugere a validade dessa estratégia para interação educativa com esse público e pode ter desdobramentos interessantes para iniciativas posteriores.

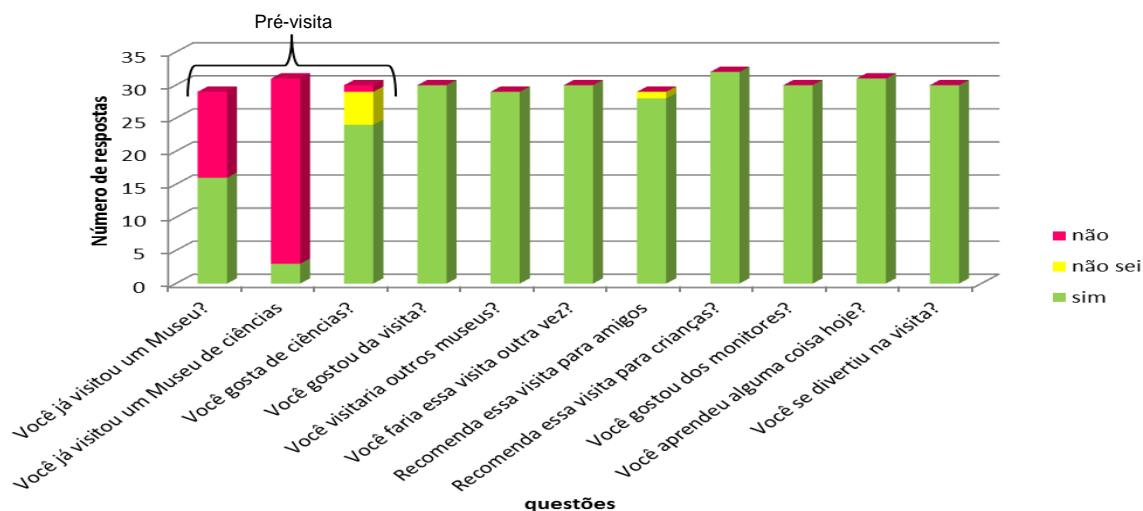


Figura 3: Respostas do grupo visitantes da manhã ao questionário

A Figura 4 traz as respostas do grupo vespertino. Notamos algumas pontuais diferenças, especialmente no questionamento pré-visita, representado nas três primeiras colunas. Diferente do grupo matutino, a grande maioria das visitantes da tarde apontou que já ter visitado um museu, com uma pequena parcela respondendo “não sei” e “não”. Analogamente, o número de pessoas que afirmaram já ter conhecido um museu de ciências é maior, tanto em valores absolutos como percentuais; há ainda no grupo vespertino maior incidência de resposta “não sei”, o que pode sugerir dúvidas sobre diferenças entre museus e museus de ciências, além de falta de clareza do que vem a ser ciência.

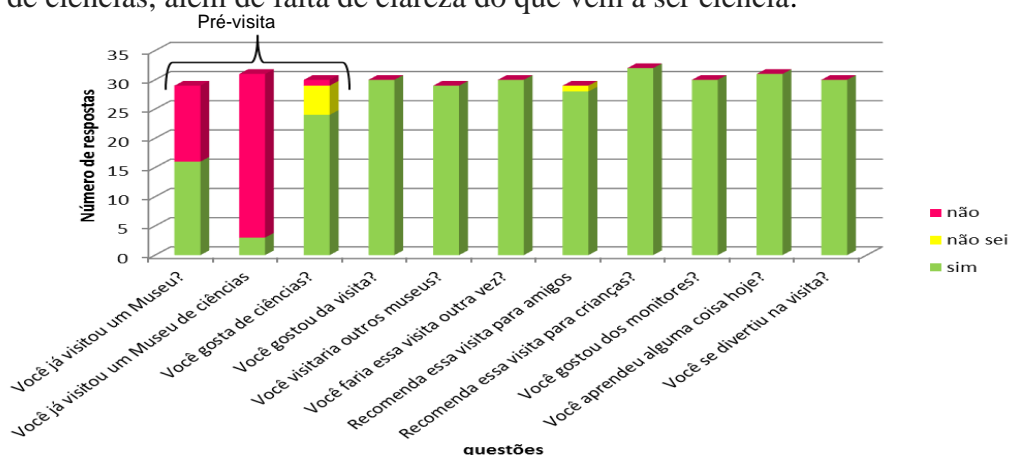


Figura 4: Respostas do grupo visitantes da tarde ao questionário

As respostas pós-visita apontam o resultado positivo das atividades, que receberam plena aprovação dos visitantes. Há, porém, dois fatos a destacar: a abstenção de respostas de ambos os grupos sobre a indicação da visita a amigos e a grande incidência de respostas positivas ao serem indagados se indicariam a visita para crianças. Podemos cogitar que, para

tentar evitar o que considerariam indelicadeza, teriam deixado de responder se indicariam a visita a amigos, mas não a recomendariam por considerarem-na mais adequada ou compatível para crianças ou jovens. Isto pode representar um aspecto importante já que reconheceram este museu como um espaço idealizado para crianças e jovens e, por isso, menos próximo do público adulto ou terceira idade, de certa forma aponta sua falta de adequação para este novo público pretendido. Apesar disso, a manifestação de interesse da maioria do grupo repetir a visita pode sugerir que a despeito do eventual distanciamento, algum interesse persiste e deve merecer ser contemplado. É interessante também notar que o grupo vespertino, que mais apontou viagens como atividades freqüentes, apontou conhecer mais museus, o que parece indicar que viajar, além do entretenimento, também oportuniza ações educativas. As respostas aos questionários qualitativos, de modo geral fugiram do contexto esperado, com divagações dos participantes, sugerindo falta de compreensão e/ou falta de clareza dos questionamentos. Isso impediu a obtenção de dados significativos, apenas sugestivos de que os entrevistados não tinham uma concepção de ciência bem formada e/ou estavam inseguros para responder objetivamente, optando por não responder ou por dizer “não sei” e “não lembro”. Mesmo na forma de entrevista, as questões podem ter assumido uma complexidade indevida que pode ter inibido os participantes, com “medo de errar”, a despeito de todos os esforços da equipe para tornar o processo mais acessível. Assim, uma análise mais profunda dos dados não seria pertinente, mas isso reforça a necessidade de cuidado redobrado para elaborar e aplicar instrumentos eficientes para coleta de informações.

De modo geral, todos os dados nos levam a considerar como positivo o resultado da experiência com o público da terceira idade num museu de ciências. A despeito desse público não ser habituado a esse tipo de espaço, mostrou-se participativo, interessado e satisfeito com o que vivenciou, independente do nível de escolaridade, da idade, ou das atividades habituais.

Dos mediadores

Os visitantes de cada período foram acompanhados por seis mediadores, mas considerando-se a escala de atividades, um total de oito graduandas e um graduando, que manifestaram interesse em participar desse inédito atendimento no Museu, formaram as duas equipes. Todos os mediadores responderam questionários pré e pós-visita, e a análise dos dados obtidos permite interessantes considerações.

Notamos intensa motivação e até certa ansiedade como aspectos característicos da equipe que expressava grande curiosidade sobre o que seria vivenciado com os visitantes da terceira idade. Cerca de 30 % dos mediadores apontaram a falta de formação específica para atender público da terceira idade como fator de certa apreensão, que foi contornado com orientações da coordenação da proposta, como a adequação do ritmo de desenvolvimento das atividades e o acolhimento das manifestações pessoais como estratégia de aproximação dos visitantes. Experiências anteriores e pessoais de membros da equipe com convívio familiar ou de atuação em atividades com pessoas da terceira idade também favoreceram os trabalhos. Comentários pós-visita indicaram que os mediadores consideraram que a atividade foi desenvolvida com surpreendente dinamismo e facilidade de interação com o público, desfazendo também toda apreensão inicial que foi transformada em satisfação e expectativa de expansão da atividade. Essa experiência com a terceira idade foi descrita como inovadora e acessível, pois pequenos ajustes na mediação, orientados pela coordenação da atividade parecem ter permitido o desenvolvimento das atividades como programado pelo Museu. Destacamos também as expressões de enlevo dos visitantes e deles próprios.

Neste contexto, apresentamos indicativos da potencialidade de um espaço de educação não formal como um museu de ciências, originalmente planejado para receber público estudantil, para também atender a terceira idade, uma vez que o atendimento desse público

encontra, na motivação e no interesse, elementos facilitadores que contribuem para superação de obstáculos cogitáveis. Cuidado e respeito mostram-se essenciais para uma visita agradável e bem sucedida, conforme relatos dos mediadores.

Considerações Finais

As manifestações dos grupos de terceira idade, assim como as dos mediadores, envolvidos nas atividades presentemente descritas foram muito positivas e apontam a validade da proposta de fomentar a introdução da terceira idade também como público alvo para museus de ciência, afinal trata-se de uma parcela crescente da população, merecedor de acesso à divulgação científica e oportunidades para atividades integradoras. Isto, por sua vez, pode ser alcançado inicialmente a partir do aproveitamento de programas e espaços já em operação já que o atendimento deste público não parece apresentar obstáculos intransponíveis. Eventualmente, estratégias diferenciadas de atendimento podem ser necessárias para expandir o alcance da divulgação científica como forma de despertar o interesse e a motivação para conhecer e aprender ciências de forma espontânea e significativa em qualquer idade.

Finalizamos destacando os efeitos marcadamente positivos para visitantes e mediadores nesta experiência da terceira idade num museu de ciências. Não detectamos aspectos de limitação nem de complicação que possam comprometer de forma significativa a integração proativa do público da terceira idade, mesmo considerando sua diversidade inegável, para atividades de divulgação científica em museus de ciências. Em termos numéricos, a terceira idade é expressiva e não pode ser negligenciada, pois também deve ter acesso à divulgação científica, com opções para suprir eventuais déficits e expectativas.

Referências

- BONATTO, M. P., MAHOMED, C., COLONESE, P. H. Câmara escura expressa em desenhos: Parque da Ciência, FIOCRUZ. In. RIBAMAR, J. (coord.) *Avaliação e estudos de públicos de museus e centros de ciência*. Caderno Museu da Vida: Rio de Janeiro, 2003.
- CANÇADO, F. Epidemiologia do envelhecimento, pp. 16-43. In *Noções práticas de geriatria*. COOPMED: São Paulo, 1996. Apud SIQUEIRA ET AL. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais, *Ciência & Saúde Coletiva*, 7, 2002. Pp. 889-906.
- HSIEH, H. Museum lifelong learning of the aging people. In. *Procedia Social and Behavioral Sciences* 2.Taiwan, 2010. Pp. 4831-4835.
- MATTAR, F. N. *Pesquisa de Marketing: metodologia, planejamento, execução e análise*, São Paulo: Atlas, 1994.
- NUNES, A. D., COELHO, S. M., THOMAZ, R. S. Educação Informal: física do cotidiano de idosos. In. TERRA, N. L., FERREIRA, A. J., TACQUES, C. O., MACHADO, L. R. (orgs.) *Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento*. EdUPUCRS: Porto Alegre, 2010.
- ROSSI, A. V., PALHARINI, L. A., TOLEDO, F. S., ARAGÃO, T. Z. B. A contribuição do envolvimento em atividades de divulgação científica na formação de graduandos e na percepção científica de jovens em risco social. In: VIII ENPEC Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Campinas, 2010. Anais do VIII ENPEC, 2010.
- SIQUEIRA, R. L., Botelho, M. I. V., Coelho, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais, *Ciência & Saúde Coletiva*, 7, 2002. Pp. 889-906.